

30 • 05 • 2019

CIMEIRA IBÉRICA
CUMBRE IBÉRICA



HOSPITAIS PRIVADOS
SANIDAD PRIVADA

MANIFESTO

UM SISTEMA DE SAÚDE FOCADO NOS CIDADÃOS E NOS RESULTADOS - Contributo dos hospitais privados -

I - O PARADOXO ATUAL DOS SISTEMAS NACIONAIS DE SAÚDE

Hoje, os cidadãos vivem mais e melhor. O aumento da esperança média de vida é um aspeto muito positivo para a humanidade, mas também se está a converter numa das nossas maiores preocupações. O constante desenvolvimento científico e da prestação de cuidados de saúde, nos últimos anos, unido a um aumento das expectativas e exigências dos cidadãos, convertem a sustentabilidade dos sistemas de saúde num grande desafio.

Vivemos um verdadeiro paradoxo: os sistemas nacionais de saúde, criados num período de relativa prosperidade, enfrentam hoje sérios constrangimentos para suportar a despesa crescente. Apesar de vivermos numa era de avanço científico, progresso económico e estabilidade social, os pilares financeiros dos sistemas de saúde estão cada vez mais frágeis.

As causas deste contraditório contexto residem em tendências que se interrelacionam: o envelhecimento da população e, em paralelo, o aumento das doenças crónicas que, aliados ao crescente custo das tecnologias e dos tratamentos médicos, exacerbam os custos dos serviços de saúde. A questão que se impõe é saber como podem os sistemas de saúde ser redesenhados sem comprometer os princípios fundamentais, como a universalidade ou a equidade, ao mesmo tempo que se assegura a sustentabilidade.

O sucesso dos hospitais privados reside na capacidade de serem agentes da mudança.

Os contributos financeiros dos Estados para os sistemas de saúde revelam um crescimento gradual, mas continuam muito aquém das dotações necessárias. É uma questão de tempo até os governos perceberem que aumentar os contributos financeiros não é mais possível ou sequer politicamente aceitável.

O financiamento do SNS revela um recorde negativo de 678,8 milhões de euros em 2018.

Os gastos em Saúde (dados de 2016) representam 9% do PIB espanhol. Os gastos com saúde privada representam 3,3% do PIB. Os gastos em Saúde per capita (€2.374), em Espanha, é inferior à média dos países da OCDE (€3.435), bem como à média da União Europeia (€2.797).

O que tem faltado para a definição de um plano coerente para refundar os sistemas de saúde sobre um sólido pilar financeiro?

Apenas consenso. Os sistemas são, por um lado, muito amplos e, por outro, muito fragmentados, com uma diversidade de stakeholders, que muitas vezes se sobrepõem ao bem-estar dos cidadãos. Neste contexto, muitas vezes a ideologia acaba por se sobrepor ao primado do “cidadão no centro do sistema”.

MANIFESTO

II - HOSPITAIS PRIVADOS: PARCEIROS DE REFERÊNCIA PARA UMA SAÚDE SUSTENTÁVEL

Na Península Ibérica, os hospitais privados também se converteram, desde há, pelo menos, duas décadas, num setor de elevada empregabilidade, cada vez mais significativa, e num importante contribuinte para as economias dos dois países.

Os hospitais privados portugueses têm, hoje, mais de 20 mil pessoas ao serviço e nos hospitais privados espanhóis empregam mais de 262.000 profissionais.

Em sentido contrário, o clima económico de baixo crescimento, as mudanças demográficas e os desequilíbrios do setor público e outros custos de contexto impedem os hospitais públicos de responder com eficiência às exigências de investimento e modernização dos serviços de saúde.

O sucesso dos hospitais privados reside na capacidade de serem agentes da mudança.

Os hospitais privados são parceiros ativos dos sistemas de saúde português e espanhol e privilegiam a excelência na prestação de cuidados de saúde e uma aposta crescente na inovação, centradas no paciente.

Em Portugal, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), o contributo dos hospitais privados para o Sistema Português de Saúde é significativo e crescente. Desde 2016, os hospitais privados estão em maioria (são 114 de 225) e revelam um aumento de atividade em todas as áreas. O número de atendimentos nos serviços de urgência, de consultas médicas, de atos complementares de diagnóstico e de atos complementares de terapêutica aumentaram entre 2005 e 2017, sempre de forma mais expressiva nos hospitais privados. O INE assegura ainda que os hospitais privados são responsáveis por mais de 1 milhão e 200 mil episódios de urgência; garantem 6,6 milhões de consultas de especialidade e realizam mais de 250 mil grandes e médias cirurgias. Em Portugal existem mais de 2,5 milhões de pessoas com seguros de saúde.

A sustentabilidade dos sistemas de saúde, constituídos como direito social, como acontece com o espanhol e o português, depende da orientação para os resultados em saúde e, seguramente, com uma maior implicação do setor privado da saúde.

Em Espanha, a saúde privada é um importante setor produtivo. Representa 57% do número de hospitais (451 privados, 337 públicos), 3,5% do PIB do país (36 mil milhões de euros) e quase 37% de todos os gastos em saúde. Em média, a saúde privada realiza entre 30% das atividades de saúde na Espanha, razão pela qual contribui decisivamente para descongestionar o SNS e garantir a sua sustentabilidade, tanto económica como operacionalmente. Em Espanha, existem quase 10 milhões de pessoas com seguro de saúde privado (2 milhões são funcionários públicos).

A sustentabilidade dos sistemas de saúde, constituídos como direito social, como acontece com o espanhol e o português, depende da orientação para os resultados em saúde e, seguramente, com uma maior implicação do setor privado da saúde.

A hospitalização privada ibérica está preparada para ir ao encontro da necessária evolução dos sistemas de saúde, incluindo a tecnologia inovadora, sem comprometer a igualdade de acesso a tratamentos de qualidade para todos os cidadãos, respeitando a sustentabilidade e a eficiência dos sistemas de saúde.

O futuro, dos sistemas de saúde e da qualidade dos cuidados de saúde, depende da gestão da inovação e esta é a ambição com a qual a hospitalização privada está comprometida. O futuro dos cuidados de saúde passa pela integração de novas tecnologias, cooperação entre prestadores e uma relação de confiança mais estreita com um paciente informado.

Este é o contexto que, conjugado com o subfinanciamento do setor público, justifica o aumento da importância do capital privado, visando a sustentabilidade do sistema.

MANIFESTO

Se Portugal e Espanha pretendem evitar dismantelar os sistemas universais de saúde e os princípios de igualdade no acesso, devem privilegiar tudo o que permita criar valor e orientar os investimentos e os custos de maneira sustentável. Os serviços de saúde devem ser orientados para os resultados, que são os que realmente importam aos pacientes.

A colocação do cidadão no centro do sistema, como sugerem há muito os hospitais privados, permite aumentar a qualidade, reduzir os custos e, conseqüentemente, aumentar o valor (value-based healthcare): os ganhos em saúde, mas também, claro, a sustentabilidade do setor. Tal é determinante para prestar cuidados de saúde cada vez mais diferenciados e para atrair o necessário investimento para a saúde, também como fator de competitividade dos países.

Os hospitais privados têm foco no cidadão e na eficiência de recursos – nos domínios da qualidade e da segurança clínica – e a sua lógica de gestão tem permitido realizar maiores investimentos para diminuir custos operativos; oferecer melhores tratamentos e equipas médicas mais modernas e manter e aumentar o seu serviço num nível de excelência.

Estes ganhos com o investimento privado foram essenciais para aumentar a oferta e o acesso a cuidados de saúde em Espanha e Portugal, mas os seus benefícios podem e devem ir para além da prestação de cuidados numa ótica estritamente privada. A eficiência privada está também ao serviço do setor público da saúde.

Só uma maior colaboração público – privado, de que é um bom exemplo a concessão de serviços de saúde a privados, permitirá aos sistemas ibéricos de saúde manter o valor da sua promessa: todos podem beneficiar de uma rede de serviços médicos a um custo acessível.

Este objetivo implica cedências e compromissos. Porém, esta flexibilidade significa que, por vezes, o melhor interesse dos diferentes atores dos sistemas de saúde não é defender intransigentemente o seu ideário, mas, antes, encontrar uma base sustentável de compromisso para assegurar o futuro do setor, quer em Portugal, quer em Espanha.

Afinal, o mais importante para o paciente não é a quem pertence o serviço de saúde que utiliza, mas antes temas como a qualidade do tratamento, os tempos de espera e o financiamento dos cuidados de saúde.

III - POSIÇÃO DA APHP E DA ASPE SOBRE OS SISTEMAS DE SAÚDE IBÉRICOS

A aplicação da abordagem value-based healthcare impele a APHP e a ASPE a defender os seguintes princípios:

1. Assumir a Saúde como uma prioridade nacional, em cada um dos países, de modo a responder aos desafios demográfico, tecnológico e das legítimas expectativas dos cidadãos;
2. Fazer do valor para o doente o objetivo central de todas as reformas;
3. Conferir maior responsabilidade e liberdade de escolha ao paciente na sua saúde, tratamento e cuidado (financiamento adequado, promoção de seguros de saúde, etc);
4. Promover a igualdade nas condições de acesso dos cidadãos e nas condições de licenciamento dos prestadores, nos domínios da identificação de requisitos e exigências entre prestadores públicos e privados no acesso, realização e controlo da atividade assistencial;
5. Melhorar a recolha, o tratamento e a transparência dos dados e indicadores do setor da Saúde, para favorecer a tomada de decisão informada dos pacientes e dos financiadores;



MANIFESTO

6. Promover a competitividade entre prestadores, bem como entre financiadores dos sistemas de saúde;
7. Simplificar a burocracia e reduzir os custos de contexto que distorcem o mercado e inibem o investimento de privados em saúde;
8. Racionalizar os serviços e consolidar as infraestruturas de saúde, de forma a manter o modelo de saúde universal;
9. Aproveitar os recursos existentes em cada sistema de saúde;
10. Apostar na tecnologia como meio para a prestação de cuidados de saúde de proximidade e para a redução de custos;
11. Fortalecer a missão de uma entidade reguladora verdadeiramente independente;
12. Dissociar as funções de financiador e de prestador.

Afinal, o mais importante para o paciente não é a quem pertence o serviço de saúde que utiliza, mas antes temas como a qualidade do tratamento, os tempos de espera e o financiamento dos cuidados de saúde.

Portugal e Espanha estão em condições de poder iniciar um novo ciclo de políticas públicas no domínio da Saúde, focadas no cidadão e nos resultados. Melhorar o desempenho dos sistemas de saúde ibéricos passará por oferecer ao cidadão uma rede de saúde que o proteja e oriente (prevenção), informação correta e oportuna (formação), simplicidade no acesso (agilidade e transparência) e uma resposta pronta, eficiente e integrada. A liberdade de escolha, num contexto de cobertura universal, é o vetor fundamental para colocar os sistemas de saúde ao serviço do cidadão.

Lisboa, 30 de maio de 2019